

LIEV TOLSTÓI RESSURREIÇÃO

TRADUÇÃO DO RUSSO REVISTA E APRESENTAÇÃO
Rubens Figueiredo

PREFÁCIO
Natalia Ginzburg

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da tradução © 2020 by Rubens Figueiredo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Воскресение

Capa e projeto gráfico

Kiko Farkas e Felipe Sabatini/ Máquina Estúdio

Ilustração de capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Crédito da guarda

Manuscritos da primeira (com letra do filho e correções de Tolstói) e da terceira redação de *Ressurreição* e prova de gráfica (com correções e acréscimos manuscritos de Tolstói) do capítulo 29 da primeira parte do romance. Páginas extraídas do volume 32 das *Obras completas* em 90 volumes. Moscou: Editora estatal de literatura artística, 1936.

Revisão

Huendel Viana

Fernando Nuno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tolstói, Liev, 1828-1910.

Ressurreição / Liev Tolstói ; tradução revista do russo e apresentação Rubens Figueiredo ; prefácio Natalia Ginzburg. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2020.

Título original: Воскресение

ISBN 978-85-359-3320-8

1. Ficção russa I. Título.

20-32953

CDD-891.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura russa 891.73

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB – 8/7964

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Apresentação — Rubens Figueiredo	6
Prefácio a <i>Ressurreição</i>, de Liev Tolstói — Natalia Ginzburg	13
Parte I	17
Parte II	203
Parte III	359
Sobre o autor	439
Sugestões de leitura	442

APRESENTAÇÃO

Rubens Figueiredo

A ideia de *Ressurreição* veio a Tolstói em junho de 1887, a partir de uma conversa com o jurista e escritor russo Anatóli Fiódorovitch Kóni. Curiosamente, tratava-se do mesmo Kóni que, anos antes, fornecera a Dostoiévski informações sobre casos de justiça criminal, mais tarde aproveitados no romance *Irmãos Karamázov*. Dessa vez, em visita a Iásnaia Poliana, a propriedade rural de Tolstói, Anatóli Kóni comentou com o escritor o caso de um jovem da nobreza que viera solicitar seus serviços de advocacia. Convocado para integrar um júri, o jovem aristocrata espantou-se ao reconhecer na acusada uma criada a quem ele mesmo havia engravidado, anos antes, na propriedade de uma tia. Expulsa de casa pela patroa, a jovem tornou-se prostituta, até ser presa, acusada de roubo. Com remorsos, o homem propôs-se a ajudá-la e casar-se com ela. A jovem, porém, morreu de tifo no presídio, pouco depois de condenada.

Assim que ouviu o relato de Kóni, Tolstói emocionou-se: ele mesmo, na adolescência, tivera um caso com uma jovem criada na fazenda de uma parente; ele mesmo, quando solteiro, tivera um filho com uma camponesa. Tolstói pediu várias vezes a Kóni que redigisse um relato do caso para divulgá-lo. No ano seguinte, Kóni ainda não havia apresentado o texto e Tolstói pediu então que ele o autorizasse a usar a história, o que Kóni prontamente concedeu.

Todavia, só no final de 1889 Tolstói começou a esboçar o que denominou de “A história de Kóni”. Pouco depois, atraído por outros interesses, interrompeu o trabalho. Cinco anos depois, retomou-o durante alguns meses. Interrompeu-o novamente, para enfim voltar ao livro em 1898, movido dessa vez por uma circunstância única que, daí em diante, se tornou essencial para o entendimento de *Ressurreição*.

Em 1895, a Rússia agitou-se em torno do que se passava com um grupo de cristãos chamados de *dukhobóri* — em russo, “lutadores do espírito”. Surgida no século XVII, a seita pregava ideias simpáticas a Tolstói. A negação da propriedade, do governo, do Estado, do dinheiro, da Igreja e da Bíblia como fonte única de revelação se somavam ao pacifismo. Praticavam um estilo de vida comunitário e igualitário. Recusavam-se a ter documentos e a servir o Exército. A comunidade já fora banida duas vezes para regiões remotas da Rússia, por dois tsares.

Aconteceu que, em 1894, ao assumir o trono, Nicolau II exigiu de seus súditos um juramento de lealdade, e os *dukhobóri* se negaram a fazê-lo. Logo em seguida, negaram-se também a cumprir a ordem de alistamento militar. Alguns jovens *dukhobóri* foram presos e banidos. Em protesto, no Cáucaso, milhares de *dukhobóri* queimaram todas as armas que ainda possuíam — facas, espadas, pistolas, rifles, usados na sua defesa contra os montanheseis nômades.

As autoridades enviaram soldados para sufocar o que foi entendido como uma rebelião. As terras dos *dukhobóri* foram confiscadas, suas casas, saqueadas, cerca de 7 mil pessoas foram banidas para aldeias remotas nas montanhas e seus líderes foram presos.

Tolstói já conhecia os *dukhobóri* e mantinha contato com eles. Ao saber de tais fatos, tomou providências para que fosse divulgada no *Times*, de Londres, uma denúncia, na forma de um artigo, redigido por seu amigo Biriukóv, mas publicado anonimamente. Pouco depois, ao saber que quatrocentos *dukhobóri* haviam morrido nas montanhas para onde tinham sido banidos, Tolstói lançou um manifesto, seguido por um breve texto assinado. Em numerosas cópias feitas à mão e à máquina, o manifesto foi amplamente divulgado e encaminhado às principais figuras do governo.

Em resposta, a polícia invadiu a casa dos amigos de Tolstói e confiscou todos os documentos e textos ali encontrados. Biriukóv foi banido para uma aldeia distante. Tchertkóv, o braço direito de Tolstói, foi forçado a sair do país. Além disso, Pobedonóstsev, procurador-geral do Santo Sínodo, órgão mais poderoso do governo imperial, na prática o chefe de toda a Igreja ortodoxa russa, responsável pela propaganda monarquista e pela repressão aos opositores do regime, recomendou ao tsar que ordenasse a prisão de Tolstói num convento isolado. Nicolau II, porém, ciente da popularidade do escritor, temia prender Tolstói, cujos movimentos, em sua fazenda e até dentro de casa, eram vigiados por espíões.

Daí em diante, Tolstói tornou mais acerba sua campanha em defesa dos *dukhobóri*, e também de outros grupos perseguidos por Pobedonóstsev. Como, por exemplo, os chamados *molokáni*, cujos filhos, nessa mesma ocasião, foram recolhidos pelo governo e afastados dos pais, para não sofrerem a influência da

sua doutrina, que não reconhecia o direito de o tsar governar. Tolstói encaminhou duas cartas de protesto ao tsar, sem obter resposta. Depois, conseguiu que sua filha tivesse um encontro com Pobedonóstsev para tratar do assunto e, em seguida, de fato, os filhos dos *molokáni* foram devolvidos aos seus pais. O leitor encontrará ecos desse episódio no capítulo XXVII da parte II de *Ressurreição*.

Nessa altura, Tchertkóv, o companheiro de Tolstói exilado em Londres, conseguiu apoio dos quakers para a causa dos *dukhobóri*. Surgiu a ideia de transportar milhares de *dukhobóri* para fora da Rússia. O Canadá aceitou recebê-los numa área despovoada. O governo tsarista autorizou a emigração. Faltava, no entanto, levantar o dinheiro necessário para o transporte e a instalação dos *dukhobóri* em suas novas terras. Tolstói lançou uma campanha para levantar fundos, redigiu cartas para pessoas ricas, solicitou doações e as obteve. Mas não eram suficientes. Restava ainda um recurso.

Anos antes, Tolstói havia renunciado aos direitos autorais de suas obras posteriores a 1881, ano que para ele marcava uma importante transformação de consciência. Portanto seus livros eram publicados livremente, em muitos países. Além disso, na Rússia, por conta da censura, alguns de seus textos tinham de ser divulgados em cópias feitas à mão ou mimeografadas, ou eram impressos no exterior e contrabandeados para o país. Dessa vez, no entanto, Tolstói resolveu negociar os direitos autorais de algum livro que ainda estivesse em andamento e obter por eles o valor mais alto possível, em benefício dos *dukhobóri*. Era o ano de 1898.

De início, retomou o projeto da novela *Padre Siérgui*. Uma vez concluída, no entanto, Tolstói se viu tolhido por dúvidas. Em parte calcado nos contos populares de vidas de santos, *Padre Siérgui* é um dos seus relatos mais impressionantes. Tem uma força sombria e perturbadora, em conflito com a simplicidade da forma. Embaraçado, Tolstói guardou a novela numa gaveta, de onde só saiu para ser publicada após sua morte. A outra obra que tinha à mão era *Ressurreição*. O escritor logo se deu conta de que o tema do romance era mais apropriado à finalidade em vista, e lançou-se ao trabalho. Empolgou-se com os primeiros resultados e escreveu a um amigo: “Estou tão absorvido por *Ressurreição* que não consigo pensar em mais nada, dia e noite”.

Os direitos autorais foram negociados com editoras de vários países por valores altíssimos. Na Rússia, o romance começou a ser publicado em fascículos, em março de 1899, na revista *Niva*. Com a ajuda do dinheiro arrecadado, cerca de 10 mil *dukhobóri* foram embarcados em navios para o Canadá, onde sua comunidade existe até hoje. Os que permaneceram em território russo conseguiram manter viva sua comunidade, que ainda perdura. Em 1999, os *dukhobóri* celebraram o centenário da sua emigração, e Tolstói e o romance *Ressurreição* foram homenageados.

Outras circunstâncias da publicação do romance precisam ser mencionadas aqui. Como Tolstói havia aberto mão de seus direitos autorais, as editoras de numerosos países já estavam habituadas a imprimir livremente seus escritos. Por isso, *Ressurreição* teve, só na Alemanha, doze traduções além da oficial; na França, o livro teve quinze edições distintas. Isso em apenas dois anos. As traduções, por seu turno, se permitiram estranhas liberdades com o original. A edição feita nos Estados Unidos cortou ou atenuou em muito as cenas de amor, que podiam parecer ofensivas por seu teor erótico. Já na França os editores acharam que as cenas de amor eram pouco frequentes e não se constrangeram em inserir novas situações em que o casal de protagonistas aparecia junto. Na Rússia, os cortes da censura foram numerosos. Uma versão completa e fidedigna do romance só foi publicada em 1936, com o texto reconstituído pelos filólogos soviéticos que prepararam a edição das *Obras completas* de Tolstói em noventa volumes

Para a dificuldade desse trabalho concorreu também a tenacidade com que Tolstói corrigia seus originais até o último instante. Há seis redações completas de *Ressurreição*. Há pelo menos vinte variantes da descrição física inicial da protagonista Katiucha. O início teve numerosas versões, até se chegar à definitiva. Os manuscritos de Tolstói eram passados a limpo pela esposa e pelas filhas. Depois eram novamente refeitos por ele e repassados a limpo, operação que podia se repetir ainda várias vezes. Quando chegavam as provas da gráfica, ele as emendava e as expandia com sua caligrafia difícil, que às vezes só seus familiares entendiam. Na ânsia de ser exato e de aproveitar ao máximo o potencial que sentia no romance, Tolstói às vezes preenchia todos os espaços em branco das provas tipográficas. Chegava a escrever no verso das folhas e reduzia sua letra de tal modo que era preciso usar lupa para entendê-la. Aos setenta anos, trabalhava num ritmo exaustivo, sob a pressão dos prazos da revista com a qual havia negociado a primeira publicação do romance e também das datas de embarque dos *dukhobóri*.

A preocupação de levantar informações precisas para compor o romance levou Tolstói a frequentar tribunais, conhecer juízes e juristas, investigar os meandros da burocracia judiciária. Graças à ajuda de amigos influentes no governo, o escritor visitou prisões distantes, entrevistou prisioneiros, acumulou informações sobre as condições em que os presos viviam e eram transportados para a Sibéria. Em suas pesquisas, estudou tratados de direito e artigos sobre o sistema penitenciário, além de ler pelo menos seis livros sobre prostituição.

O protagonista de *Ressurreição* tem alguns traços do próprio autor. Seu nome, Nekhliúdiv, é o mesmo do herói de um conto escrito quando Tolstói era muito jovem: “Manhã de um senhor de terras”, em parte, também um autorretrato. A protagonista Katiucha, provavelmente, foi composta a partir das memórias da criada

pela qual Tolstói se apaixonara na mocidade. Pois a esposa do escritor registrou no seu diário a indignação que sentiu ao passar a limpo as cenas mais ardentes entre ambos.

Eu sofro ao ver como um homem de setenta anos descreve as relações pecaminosas entre o oficial e a jovem criada com o prazer de um gastrônomo que saboreia um petisco. Ele mesmo me contou que nessa cena descreve suas intimidades com uma criada da sua irmã.

Outro personagem que vale a pena mencionar é o do influente político Toporóv, presente na segunda parte do romance. Em Toporóv — cujo nome deriva da palavra russa *topór*, “machado” —, Tolstói faz um retrato implacável de Pobedonóstsev. Não admira portanto que, um ano depois da publicação de *Ressurreição*, Tolstói tenha sido excomungado pela Igreja ortodoxa, condição, aliás, que vigora até hoje. Para se ter uma ideia do clima na época, vale a pena frisar que o mesmo Pobedonóstsev se tornara, tempos antes, objeto da admiração de Dostoiévski, que em seus últimos anos de vida via nele “a única pessoa na Rússia capaz de barrar o caminho da revolução”.

Em comparação com seus dois grandes romances anteriores — *Guerra e paz* (da década de 1860) e *Anna Kariênina* (da década de 1870) —, *Ressurreição* parte de uma estrutura e de um conceito distintos. O romance focaliza o sistema judiciário e prisional, um cenário e um contingente humano diferentes dos que encontramos nos romances anteriores. Vista desse ângulo, a sociedade deixa a nu o sentido da repressão judicial e sua relação com os privilégios da classe dominante.

Tanto *Guerra e paz* como *Anna Kariênina* são construídos com base em dísticos: quadros contrapostos em pares, que por sua vez se articulam em linhas narrativas paralelas. Trata-se de estruturas complexas, ordenadas em paralelismos e contrastes: dois casais, duas famílias, dois generais, dois amigos, duas capitais, o campo e a cidade etc. São pares que se desdobram e se refletem.

Ressurreição, em lugar de contrastes e paralelos, mergulha em um conflito aberto e frontal. Em vez de quadros contrapostos, a composição de *Ressurreição* avança, se não em linha reta, pelo menos numa direção única, num impulso que faz tudo convergir, em intensidade crescente, rumo ao âmago das contradições sociais que se manifestam em cada episódio e rumo ao centro do conflito de consciência que acompanha todo o relato. O protagonista é levado para muito além da sua esfera habitual de vida, para um mundo de todo desconhecido para ele, onde sua consciência é desafiada a cada passo.

Os procedimentos de linguagem também diferem. São um pouco mais raras

as repetições de palavras e de expressões, que caracterizam os romances anteriores. O gosto pelos períodos complexos também se mostra mais contido. Em troca, Tolstói reforça, em *Ressurreição*, a tendência à linguagem brusca, direta, sem adornos, já perceptível em *Anna Kariênina* e que depois se acentuou em *A morte de Ivan Ilitch* (1886) e *Sonata a Kreutzer* (1890). Têm largo curso, agora, as guinadas abruptas da sintaxe, as elipses. As passagens expositivas dispõem os argumentos como que a marteladas e prevalece a preocupação em ir direto ao ponto. Além disso, há mais emprego de linguagem informal, popular e até chula.

As diferenças de construção e de linguagem que se verificam nos três romances traduzem de forma significativa o aprofundamento da visão crítica de Tolstói. A ordem capitalista, em *Ressurreição*, se apresenta como algo acabado, mecânico, preso à eficácia de sua própria brutalidade. Não há espaço para ilusões quanto a acordos entre os privilegiados e os subalternos. A esfera familiar e o amor não podem representar uma proteção ou uma válvula de escape. A arte, a ciência e os refinamentos de civilização praticados na alta sociedade revelam-se cúmplices da perseguição de uma grande massa humana. Isso está bem claro nas páginas de *Ressurreição*. Todavia algo estranho sucedeu com o romance.

Em toda a vida de Tolstói, *Ressurreição* foi seu livro de maior repercussão. No correr do século xx, porém, o romance tornou-se alvo de objeções cada vez mais repetidas, criticado como uma obra que pagava um preço alto demais às supostas intenções doutrinárias do autor. Tachado de romance de tese, *Ressurreição* adquiriu uma fama desprestigiada. O livro foi rapidamente encoberto por uma imagem incompatível com as noções dominantes sobre literatura no século xx. Isso eximiu muitos de lerem a obra.

Estabeleceu-se o conceito de que *Ressurreição* se prestava, acima de tudo, a difundir as ideias evangélicas de Tolstói. É o que encontramos repetido nas referências enciclopédicas e críticas. No entanto, quando lemos hoje *Ressurreição* — em sua forma integral e num texto fidedigno, como esta tradução se empenha em oferecer —, tal equívoco chega a espantar. Exceto por algumas frases avulsas, só nas últimas páginas do livro o texto entra no terreno religioso. Mesmo assim, o faz por uma via antidogmática por excelência: um trecho do Evangelho é reescrito e corrigido, sem a menor cerimônia, para fins de maior precisão. Além disso, naquelas emendas, o assunto em pauta — realçado pela cena imediatamente anterior, passada no necrotério de um presídio — nada tem de abstrato, genérico ou atemporal. A religião, tal como se apresenta ali, pouco ou nada tem de sobrenatural. A própria fé, por sua vez, é francamente desafiada pela crua imagem da morte.

Em troca, nas centenas de páginas anteriores, o romance pinta um quadro inequívoco de uma sociedade sob a pressão da expansão capitalista. A crítica des-

ce aos fundamentos humanísticos desse processo, desmascarados em face do significado do sistema judiciário e prisional, que se revela aos poucos ante os olhos atônitos do herói. Qual é o sentido da justiça? — indaga a Nekhliúdiv o seu cunhado, um alto funcionário da justiça. “A manutenção dos interesses de uma classe”, responde Nekhliúdiv. “O tribunal é apenas um instrumento administrativo para a manutenção do estado de coisas vigente, vantajoso para a nossa classe” (segunda parte, capítulo XXXIII). A ideia viera a Nekhliúdiv pouco antes e ele hesitava em acreditar: “Não era possível que um fenômeno tão complexo tivesse uma explicação tão simples e terrível, não era possível que todas aquelas palavras sobre a justiça, o bem, a lei, a fé, Deus etc. fossem apenas palavras e encobrissem a crueldade e o egoísmo mais grosseiro” (segunda parte, capítulo XXVII).

É esse questionamento de teor social e histórico, sempre num tom problemático e de consciência atormentada, que predomina em *Ressurreição*. Menos peso têm as noções morais, e menos ainda as questões religiosas. Só resta supor que a reputação de um romance de tese e de cunho evangélico foi útil no curso das polémicas do século XX, a fim de desviar a potência crítica que o livro contém. Lido hoje, à luz do que presenciamos em nosso tempo, mais de cem anos após ter sido escrito, *Ressurreição* parece erguer a voz com bastante pertinência, reforçada pelas formas e pelos conteúdos novos que a história, em vez de lhe tirar, lhe acrescentou.

PREFÁCIO A *RESSURREIÇÃO*, DE LIEV TOLSTÓI*

Natalia Ginzburg

A história das personagens de Tolstói é sempre a história da descoberta e da compreensão de uma realidade: que se revela rica e violenta e acidentada e complexa, dolorida e generosa e sangrenta como os olhos da fantasia não souberam imaginá-la. Pode-se objetar que a história de uma personagem romanesca é sempre isto e nada mais que isto: descoberta e compreensão de uma realidade. Porém, nos romances de Tolstói, descoberta e compreensão se desenvolvem e crescem quase sob nossos olhos, num ritmo de festa solene; e cada romance, cada destino de cada personagem se encerra numa festiva e solene celebração da realidade. A tela que separa o homem da realidade pode ser a ingenuidade dos ideais juvenis ou o cinismo e o ócio de uma vida fútil, irresoluta e irresponsável: rasgada a tela, a realidade se mostra com o seu rosto humilde, despojado, incomensurável — e há os que desviem o olhar, vencidos por assombro ou asco; e há quem supere o asco e o assombro e acolha o verdadeiro em sua plenitude, celebrando festivamente dentro de si a consumação do próprio destino. A realidade pode ser a guerra ou a felicidade conjugal ou a morte. A realidade é a guerra para o jovem Nicolai Rostóv, que, no campo de batalha, a descobre tão distante de seus sonhos heroicos, tão humilde, tão simples e tão complicada, incoerente e mortal. A realidade é a morte para Natacha, quando a vislumbra no rosto belo e frio do príncipe Andrei, a quem já é inútil pedir perdão; e o próprio príncipe Andrei já havia contemplado um dia a

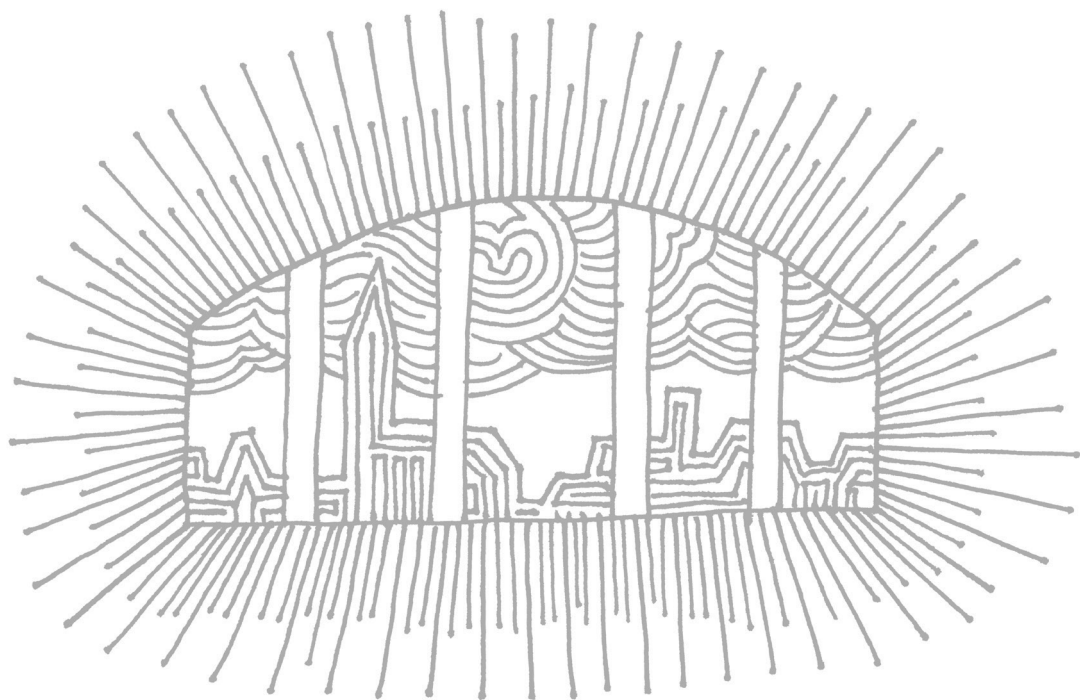
* Texto traduzido por Maurício Santana Dias e publicado na revista *serrote* (São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 5, jul. 2010). [N. E.]

mesma realidade da morte no rosto contraído e pueril de sua primeira mulher. A realidade é a paixão culpada e o adultério para Anna Kariênina, que não sabe aceitar a própria culpa e carregar seu peso, nem libertar-se dela e se salvar; vencida por assombro e asco, deixa-se ir à deriva do banquinho de uma estação, à espera de um trem qualquer que venha aniquilá-la, desviando o olhar das águas confusas e turvas da própria consciência, morrendo por tormento e asco. A realidade é o mundo dos transviados e dos renegados para o príncipe Nekhliúdob, de *Ressurreição*, que certo dia, na sala de um tribunal, durante um processo por homicídio, reconhece na acusada uma prostituta de olhos estrábicos, a pequena serva rural Katiucha, que ele outrora amara, seduzira e abandonara. A lembrança do breve idílio, gentil e tenro, e depois da culpa e dos cem rublos deixados sumariamente à jovem assustada, ressurgem bruscamente na alma de Nekhliúdob, cujo temperamento ingênuo e férvido se recobrirá, com o passar dos anos, de indiferença e de cinismo: e surge nele o desejo de desposar Máslova e fazer voltar a seu rosto transfigurado pelo vício a expressão pura e gentil de antigamente. Mas isso não passa de sonho, e a realidade que Nekhliúdob vai conhecendo dia a dia, na execução de seu propósito, está tão distante de seus sonhos quanto a verdadeira guerra se distancia do sonho glorioso do hussardo Nikolai Rostóv: a realidade mortifica os sonhos, até que se compreenda seu significado e se aprenda a aceitá-la e a amá-la assim como nos é dada, e seu sopro corroborante e benéfico disperse toda nossa fútil mortificação. Nekhliúdob quer se casar com Máslova, e Máslova a princípio não parece reconhecê-lo, depois o injúria, depois tenta agradá-lo com os meios ingênuos a que seu ofício a habituou; ele quer dar suas terras aos camponeses, mas os camponeses não compreendem nem ficam alegres, suspeitam que naquela doação haja um novo sistema cogitado pelo patrão a fim de explorar ainda mais seu trabalho: isso porque tanto Katiucha quanto os camponeses, em sua imensa miséria, não entendem a linguagem da solidariedade e da misericórdia. Mas Nekhliúdob não desiste de sua determinação, e Máslova, condenada a trabalhos forçados na Sibéria — para onde ele vai atrás dela —, reencontrará pouco a pouco, se não a expressão gentil e serena da juventude, ao menos uma dignidade humana; enquanto isso, Nekhliúdob fará de tudo para tornar a pena menos dura e para amparar e defender tantos outros desventurados como ela, transviados e renegados pela sociedade, daquele mundo de poderosos do qual Nekhliúdob fez parte por tantos anos, e que decide sobre a sorte humana sem caridade nem justiça, alheio à realidade como é, governado por leis absurdas, fúteis e minuciosas.

Ressurreição é o romance da velhice de Tolstói, e nos parece bem distante de possuir a felicidade poética de *Anna Kariênina* ou de *Guerra e paz*, mas mesmo assim é um livro dotado de uma força representativa extraordinária, uma planta um

pouco esmaecida, mas ainda rica de linfa. Seu vício poético está na personagem de Nekhliúdob, que avança muito rapidamente e quase de modo mecânico pelas vias da redenção; entretanto Máslova é viva e inesquecível, seja quando a vemos no início das recordações do idílio, seja quando corre desesperada atrás do trem onde Nekhliúdob se senta entre outros oficiais, esquecido dela e sem saber que lhe dera um filho, seja quando surge faminta e perdida na sala do tribunal, ouvindo a esquálida história do mercador assassinado. E são vivas inumeráveis figuras que Nekhliúdob encontra em seu caminho: a jovem envenenadora Fedóssia, que agora fez as pazes com o marido e nem mais sabe por que, num dia já remoto, tentou matá-lo, não sabe mais por quê, e o ama, e ele a ama e a acompanha à Sibéria; e o suave diretor da penitenciária, atordado pelo piano da filha; e o velho da balsa, que prega sua fé soberba. A felicidade poética ilumina páginas e páginas deste livro, se acende e se atenua, a realidade descoberta e conhecida adquire em intervalos aquele seu ritmo alegre e solene, mas a história da descoberta e da compreensão se desenvolve num plano demasiado voluntarista, determinado de modo muito evidente. No entanto, mesmo este romance “menor” de Tolstói sobrevive ao tempo, e não apenas como representação de uma época e de uma sociedade. Ele é, sim, um grande quadro da Rússia às vésperas da revolução; mas não é somente isso, e a história de Nekhliúdob e de Máslova é uma história que comove e fascina, a despeito daqueles vícios criativos que continuamente a ofuscam. E o próprio Nekhliúdob se depara, por fim, com sua patética verdade: quando, ao saber que Máslova obtivera o perdão, de repente vê o casamento com ela não mais como um dever a cumprir, mas algo que atemoriza e que poderia até trazer felicidade; entretanto Máslova recusa o matrimônio, e ele fica só, fixando sua desmesurada realidade. “Tudo o que lhe aconteceu dali em diante ganhou para ele um significado inteiramente distinto do anterior.”

PARTE UM



Então Pedro, chegando-se a ele, perguntou-lhe: “Senhor, quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?”. Jesus respondeu-lhe: “Não te digo até sete, mas até setenta e sete vezes”.

Mateus 18,21-22

Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão quando não percebes a trave que está no teu?

Mateus 7,3

Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra.

João 8,7

Não existe discípulo superior ao mestre; todo discípulo perfeito deverá ser como o mestre.

Lucas 6,40

Por mais que aquelas centenas de milhares de pessoas amontoadas num espaço pequeno se empenhassem em estropear a terra sobre a qual se comprimiam, por mais que atravancassem a terra com pedras para que nela nada crescesse, por mais que arrancassem qualquer capinzinho que conseguisse abrir caminho para brotar, por mais que enfumaçassem o ar com carvão e petróleo, por mais que cortassem árvores e expulsassem todos os animais e os pássaros — a primavera era a primavera, mesmo na cidade. O sol aquecia, a relva crescia, reanimando-se, e reverdejava em toda parte onde não fora arrancada, não só nos gramados dos bulevares, mas também entre as lajes de pedra, e as bétulas, os álamos, as cerejeiras desdobravam suas folhas viscosas e aromáticas, as tílias estufavam os brotos, que rebentavam; as gralhas, os pardais e os pombos, na alegria da primavera, já preparavam os ninhos e as moscas zumbiam junto às paredes, aquecidas pelo sol. Também estavam alegres as plantas, as aves, os insetos, as crianças. Mas as pessoas — as pessoas crescidas, adultas — não paravam de enganar e atormentar a si mesmas e umas às outras. Achavam que o sagrado e o importante não era aquela manhã de primavera, não era aquela beleza do mundo de Deus, concedida para o bem de todos os seres — beleza que dispunha para a paz, a concórdia e o amor —, mas sim que o sagrado e o importante era aquilo que elas mesmas inventaram a fim de dominarem umas às outras.

Assim, na secretaria da prisão provincial, considerava-se que o sagrado e o importante não era que o enternecimento e a alegria da primavera fossem dados a todos os animais e a todas as pessoas, considerava-se que o sagrado e o importante era uma folha de papel recebida na véspera, com número, sinete e cabeçalho, determinando que às nove horas da manhã do dia 28 de abril fossem conduzidos para prestar depoimento três detentos que respondiam a processo na prisão — duas mulheres e um homem. Uma dessas mulheres, tida como a criminosa mais importante, devia ser levada separadamente. E portanto, no cumprimento dessa prescrição, no dia 28 de abril, no corredor escuro e fétido da ala feminina, às oito horas da manhã, entrou o carcereiro-chefe. Atrás dele, entrou no corredor uma mulher com